

O ministro Marcílio Marques Moreira quer ampliar para três anos acordo **stand by** que está negociando com o FMI, uma forma de poder dar maiores garantias aos bancos credores.

Marcílio repensa estratégia para dívida

PAULO SOTERO
ENVIADO ESPECIAL A BANGCOC

Num sinal de que o governo brasileiro poderá rever sua posição sobre o pedido de maiores garantias feito pelos bancos credores para fazer um acordo de redução da dívida externa, o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, ressuscitou ontem a idéia de transformar o acordo **stand by** que está negociando com o Fundo Monetário Internacional num acordo ampliado, com duração de até três anos.

Em conversa com jornalistas, Marcílio disse que mencionou ao diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, com quem almoçou ontem, o interesse do País na operação. A rigor, não há novidade nisso. A gestão junto a Camdessus revela, porém, que a equipe está reavaliando a estratégia que traçou para a negociação.

Quando começou a conversar com o FMI, em junho, Marcílio disse que o governo desejava fazer um acordo de três anos, que permitisse a execução paulatina e gradual de um programa de ajuste econômico. A idéia foi, porém, engavetada depois que Camdessus aconselhou Brasília a começar pelo começo e buscar a estabilização da economia num prazo mais curto, fazendo um acordo **stand by**.

Foram os bancos credores que recolocaram o assunto na mesa. Interessados em mobilizar o maior volume possível de dinheiro oficial para escorar um esquema de refinanciamento da dívida brasileira, eles responderam à proposta que o governo apresentou-lhes em agosto pedindo US\$ 4 bilhões em garantias, o dobro do montante inicialmente oferecido. A contraproposta dos bancos pressupõe que o Brasil transforme seu programa **stand by** com o Fundo, no final de 1992, num empréstimo ampliado que permita ao País mobilizar mais garantias.

Interessado em fechar um acordo o mais rápido possível, o governo rechaçou a reivindicação dos credores e passou a confiar que o Tesouro americano o respaldaria. Mas os argumentos usados pela equipe econômica para negar a ampliação das garantias não foram aceitos pelo subsecretário do Tesouro, David Mulford. Num encontro com Marcílio, segunda-feira, Mulford disse que ao recusar o pedido dos bancos o governo estava apenas reforçando as dúvidas sobre sua capacidade de cumprir as metas do programa que está negociando com o FMI.

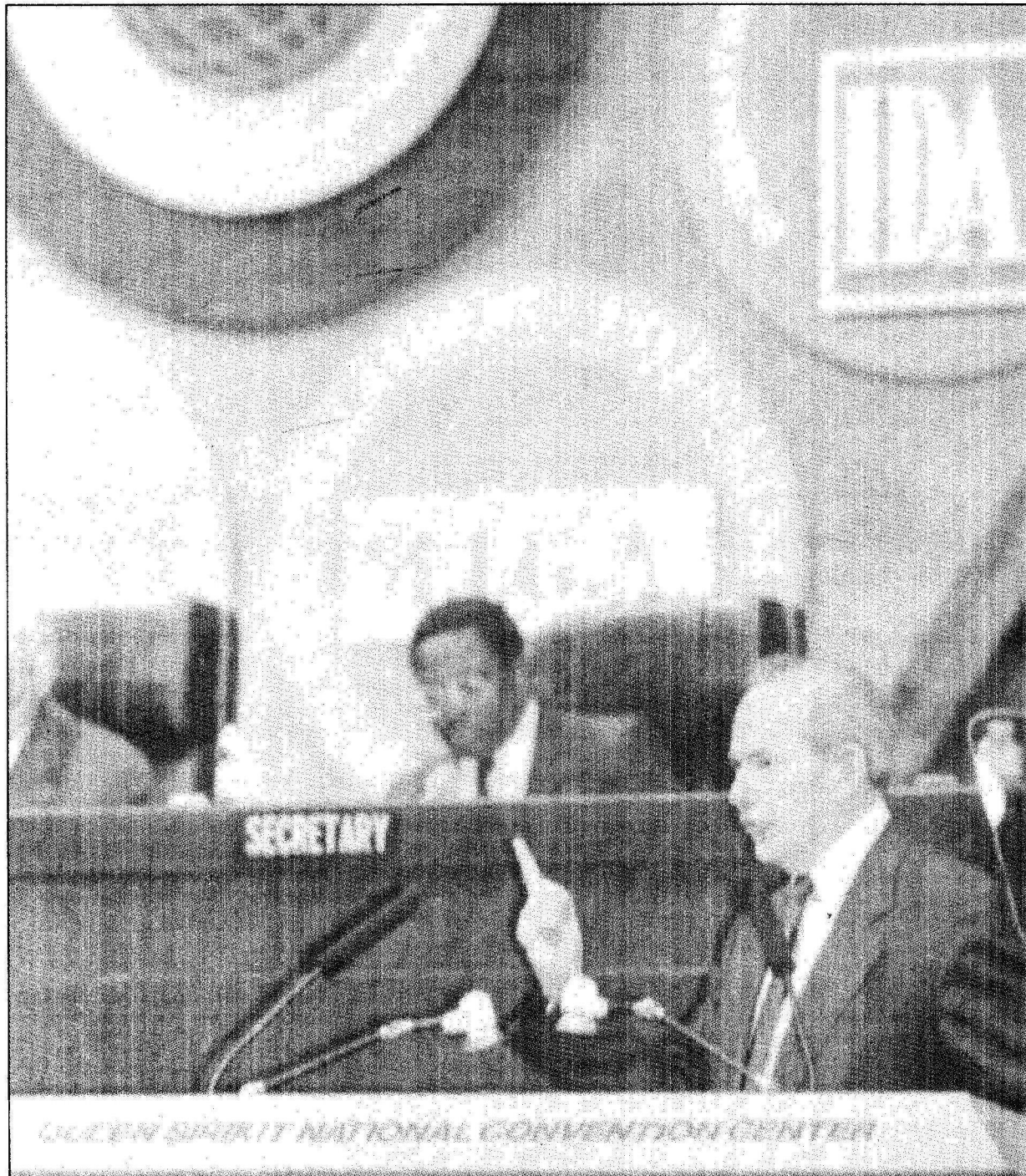
Empenhado em assegurar todo o apoio que puder conseguir fora a fim de reforçar seu cacife para levar adiante um programa interno de estabilização, o ministro parece ter acatado a tese de Mulford.

Dúvidas

A grande interrogação, expressa a Marcílio pelos banqueiros com quem esteve ontem, é se o governo tem condições e vontade política de adotar as medidas de austeridade fiscal necessárias para fechar o acordo com o FMI, conseguir que seja aprovado pela instituição e, em seguida, executado seriamente. O Brasil não levou adiante nenhum dos dois acordos que fez com o FMI desde o início da crise da dívida, em 1982.

Marcílio não tem ilusão de que a principal batalha será travada na frente interna. Mais de uma vez, ele disse, em Bangcoc, que o êxito depende em grande parte da capacidade da equipe econômica e do governo de perseverar sob condições adversas nas próximas semanas e meses. O ministro acredita que, embora o caminho seja estreito, ingreme e não haja margem para erro, ele poderá ser trilhado com sucesso a partir da privatização da Usiminas, no dia 24. Marcílio imagina que uma série de medidas internas e de manifestações de apoio externo, depois da venda da Usiminas, criará uma massa crítica de fatos políticos capazes de alicerçar a política de estabilização e permitir sua execução.

Alguns dos banqueiros que estiveram com Marcílio manifestaram-se prontos a apoiar essa estratégia tão logo o acordo com o FMI esteja sacramentado. Credores como o Morgan, o Chase Manhattan e o Lloyds indicaram ao ministro que têm tanta pressa quanto o Brasil em chegar a um acordo e estão flexíveis. O importante é aproveitar o momento, avançar, transformar o clima do País e passar para um alto astral.



Camdessus fala na abertura da reunião anual FMI-Bird, em Bangcoc, na Tailândia.